

Poemas
de Natália Correia

Ode à paz

Pela verdade, pelo riso, pela luz, pela beleza,
Pelas aves que voam no olhar de uma criança,
Pela limpeza do vento, pelos atos de pureza,
Pela alegria, pelo vinho, pela música, pela dança,
pela branda melodia do rumor dos regatos,
Pelo fulgor do estio, pelo azul do claro dia,
Pelas flores que esmaltam os campos, pelo sossego, dos pastos,
Pela exatidão das rosas, pela Sabedoria,
Pelas pérolas que gotejam dos olhos dos amantes,
Pelos prodígios que são verdadeiros nos sonhos,
Pelo amor, pela liberdade, pelas coisas radiantes,
Pelos aromas maduros de suaves outonos,
Pela futura manhã dos grandes transparentes,
Pelas entranhas maternas e fecundas da terra,
Pelas lágrimas das mães a quem nuvens sangrentas
Arrebatam os filhos para a torpeza da guerra,
Eu te conjuro ó paz, eu te invoco ó benigna,
Ó Santa, ó talismã contra a indústria feroz,
Com tuas mãos que abatem as bandeiras da ira,
Com o teu esconjuro da bomba e do algoz,
Abre as portas da História,
deixa
passar a Vida!

Retrato talvez saudoso da menina insular

Tinha o tamanho da praia
o corpo era de areia.
E ele próprio era o início
do mar que o continuava.
Destino de água salgada
princiado na veia.

E quando as mãos se estenderam
a todo o seu comprimento
e quando os olhos desceraam
a toda a sua fundura
teve o sinal que anuncia
o sonho da criatura.

Largou o sonho nos barcos
que dos seus dedos partiam
que dos seus dedos paisagens
países antecediavam.

E quando o seu corpo se ergueu
Voltado para o desengano
só ficou tranquilidade
na linha daquele além.
Guardada na claridade
do olhar

Poemas. 1955

Os numes nos nomes

Não por acaso Natália me puseram:
minha mãe que era fada lá sabia.
Posta a graça ao afino do mistério
para estar sempre a nascer é que eu nascia.

Da avó que era louca veio o Rego
em conduta dos anjos que ela via.
Desvairanças aladas bom emprego
são, se herdadas em grão de poesia.

Pelo avô, do matagal de nomes, sai-me o Raposo.
Aqui ninguém me apanha.
Inomeável três vezes é o Esposo,
para fazer de solteira há que ter manha.

Também não é fortuita a oliveira
de folhas de ouro no meu nome oclusa:
a alma é paz de ideias à lareira
que o pudor em mau gênio não acusa.

E medeiros, medeiros quantas medas
de trigo sideral para que em signo
apurada a espiga entre as estrelas
fecundo seja meu trigal de Virgo.

Vem por fim a justiça na Correia:
perdoar vendilhões só a chicote.
Absolva-os a Virgem que faz meia.
Não eu. Adivinhei-me. Eu dei o mote.

O dilúvio e a pomba. 1979

Boletim meteorológico

Hoje, dia de me concretizar na corda tensa
Do animal com cio que resuma
A minha Eva quebrada ao espelho da evidência
De para além do espelho não haver Eva nenhuma;

Hoje dia de escrever uma carta como um suicida
Que por sê-lo de facto nunca se chega a matar
E lê-la depois como uma novela muito aborrecida
Onde ninguém tem uma razão para se suicidar;

Hoje, dia de esclarecer este inútil mistério
Duma personalidade com a polícia à vista,
Deixando como um cartão-de-visita em qualquer ministério
A bomba da minha humanidade poética anarquista;

Hoje, dia da tua morte, sejas tu quem fores
Que morreste para que da guerra anónima que travámos
Ficasse como um arco-íris das nossas sete dores
Este poema, onda em que abraçados naufragámos;

Hoje, dia da Maria da Estrela ter toda a razão
Quando me contava que havia uma ilha como um girassol
Que as feiticeiras faziam girar como um pião
Debaixo do mar em que eu me enrolava como num lençol;

Hoje, dia de haver revolução
E todos em casa à espera da primeira granada
Que transformasse este está para ser uma grande nação
No herói que não quer ser nação nem ser nada;

Hoje, dia de mudar de raça – trocar a branca pela violeta?
E sabendo o que sei de mim sendo doutra cor
Seres príncipe que não importa de que planeta
Traz ao círculo da minha insónia a quadratura do teu amor.

A defesa do poeta

Senhores juízes sou um poeta
um multipétalo uivo um defeito
e ando com uma camisa de vento
ao contrário do esqueleto.

Sou um vestibulo do impossível um lápis
de armazenado espanto e por fim
com a paciência dos versos
espero viver dentro de mim.

Sou em código o azul de todos
(curtido couro de cicatrizes)
uma avaria cantante
na maquineta dos felizes.

Senhores banqueiros sois a cidade
o vosso enfarte serei
não há cidade sem o parque
do sono que vos roubei.

Senhores professores que pusestes
a prémio minha rara edição
de raptar-me em crianças que salvo
do incêndio da vossa lição.

Senhores tiranos que do baralho
de em pó volverdes sois os reis
sou um poeta jogo-me aos dados
ganho as paisagens que não vereis.

Senhores heróis até aos dentes
puro exercício de ninguém
minha cobardia é esperar-vos
umas estrofes mais além.

Senhores três quatro cinco e sete
que medo vos pôs por ordem?
que pavor fechou o leque
da vossa diferença enquanto homem?

Senhores juízes que não molhais
a pena na tinta da natureza
não apedrejeis meu pássaro
sem que ele cante minha defesa.

Sou um instantâneo das coisas
apanhadas em delito de perdão
a raiz quadrada da flor
que espalmais em apertos de mão.

Sou uma impudência a mesa posta
de um verso onde o possa escrever.
Ó subalimentados do sonho!
a poesia é para comer.

Réquiem libertário por uma mulher pública reformada à força

Desta paisagem defunta
ouvi a pungente história:
que é do busto da República
que outrora foi mulher pública,
de todos naturalmente,
clemente gorda e notória?

O seu corpo era a cartilha
onde os Meninos da Luz
a amar o povo aprendiam.
E em seu leito cidadão,
sítio de vogais abertas
eram carnavais as palavras
tinham dentes tinham pernas.
Não estas conchas fechadas
nas praias ermas da língua,
não esta raiva cercada
de susto silêncio e míngua.

Flor de carne igualitária
o pão da sua nudez
pelo povo o repartia
não como agora escondida
na algibeira do medo
como se a liberdade fora
obscena fotografia.

Ai dela, flor ressequida
no livro da tirania!
Hoje amarela e beata
é a mulher de um funcionário
ciumento como um sultão

que a fecha no armário
da sua repartição.

E sobre a relva das suas rugas
o funcionário faz a digestão.
Ela envelhece a fazer peúgas,
ele com medo da revolução.

Meninos da Luz e das lágrimas
que sois responsáveis por isto!
O busto da República não nasceu
para ser esposa de ministro.

Uma só voz de inumeráveis bocas?

De Eva a mulher astronauta
vivo todas as idades,
um fausto de lua lauta
no brilho das brevidades.

Canta-me um louco na pauta,
demónios e divindades
compartilham essa flauta
das minhas variedades.

Ó universo inventado
de noutros me perceber.
Tanto tempo utilizado
numa manhã por nascer!

Sujeitos a estranhas leis
com a sua loucura a sós
solitários como os reis
os poetas dizem: nós.

E pela mesma magia
que ainda ninguém entendeu,
no côncavo da poesia
um deus que falta diz: eu.

Poesia: ó véspera do prodígio!

Creio nos anjos que andam pelo mundo,
creio na deusa com olhos de diamantes,
creio em amores lunares com piano ao fundo,
creio nas lendas, nas fadas, nos atlantes;

creio num engenho que falta mais fecundo
de harmonizar as partes dissonantes,
creio que tudo é eterno num segundo,
creio num céu futuro que houve dantes,

creio nos deuses de um astral mais puro,
na flor humilde que se encosta ao muro,
creio na carne que enfeitiça o além,

creio no incrível, nas coisas assombrosas,
na ocupação do mundo pelas rosas,
creio que o amor tem asas de ouro. Amém.

O poema

O poema não é o canto
que do grilo para a rosa cresce.
O poema é o grilo
é a rosa
e é aquilo que cresce.

É o pensamento que exclui
uma determinação
na fonte donde ele flui
e naquilo que descreve.
O poema é o que no homem
para lá do homem se atreve.

Os acontecimentos são pedras
e a poesia transcendê-las
na já longínqua noção
de descrevê-las.

E essa própria noção é só
uma saudade que se desvanece
na poesia. Pura intenção
de cantar o que não conhece.